

ARTIGO

Psicanálise dos vínculos: como trabalho com grupos hoje

Waldemar José Fernandes¹

Núcleo de Estudos em Saúde Mental e Psicanálise das Configurações Vinculares

RESUMO

Após relatar uma situação grupal o autor discorre sobre seleção, agrupamento e intervenções em psicanálise vincular. São distinguidos os termos diferença e diversidade. A diferença implica uma polaridade, sempre se delineando entre dois termos. Já a diversidade pode existir também entre um número maior de elementos, estabelecendo-se com relação a isso uma passagem da diferença absoluta à diversidade, característica maior dos grupos. A diversidade abriga as diferenças, sem excluí-las como contrárias a nós. A evolução no processo psicanalítico e a aprendizagem estão diretamente relacionadas à capacidade de lidar com o novo, que incomoda, assusta e agride e é vivenciada como adversidade. Finalmente, será realizada uma reflexão sobre o trabalho em psicanálise vincular, comparando com o funcionamento do giroscópio que direciona os navios em sua rota.

Palavras-chave: Grupos; diversidade; adversidade; incerteza; fato selecionado.

Linking psychoanalysis: how do i work with groups today

ABSTRACT

After reporting a group-counseling situation, the author of this work discusses selection, procedure and interventions in Linking Psychoanalysis. The terms difference and diversity are differentiated here. Difference implies a polarity, always a way to contrast two other terms. On the other hand, diversity is something that can exist also within a larger number of elements, establishing itself in regards to that as a passage, from the initial absolute difference to the diversity, the biggest characteristic of groups. Diversity embraces the differences, without excluding them as opposites of what we are. The evolution in the psychoanalytical process and learning stages are directly related to the capacity of dealing with the new, something that bothers, scares and hurts, so is seen as an adversity. Finally, we will end examining completely the work in Linking Psychoanalysis, which will be compared to the role of a nautical gyrocompass, guiding ships in their routes.

Keywords: Groups; diversity; adversity; uncertainty; selected fact.

Psicoanálisis de los vínculos: como trabajo con grupos hoy

RESUMEN

Después de relatar una situación grupal el autor desarrolla su visión sobre selección, agrupamiento e intervenciones en psicoanálisis vincular. Se diferencian los términos diferencia y diversidad. La diferencia implica una polaridad, siempre delineándose entre dos términos. Ya la diversidad puede existir también entre un número mayor de elementos, estableciéndose con relación a eso un paso de la diferencia absoluta a la diversidad, característica mayor de los grupos. La diversidad abraza las diferencias sin excluirlas como opuestas a nosotros. La evolución en el proceso psicoanalítico y el aprendizaje están directamente relacionadas a la capacidad de lidiar con lo nuevo que molesta, asusta y ataca, y se vive como adversidad. Finalmente, será realizada una reflexión sobre el trabajo en psicoanálisis vincular, comparando con el funcionamiento del giroscopio que dirige los barcos en su ruta.

Palabras clave: Grupos; diversidad; adversidad; incertidumbre; hecho seleccionado.

Creio que vale a pena dizer mais uma vez que a busca da verdade, na vida e no grupo psicanalítico, passa pela tolerância na aceitação da incerteza e pelo abismo do mistério humano. Inicio esta exposição com um pequeno relato que mostra a impotência do grupoterapeuta frente à determinada situação.

Formei um grupo com quatro integrantes, sobre os quais faço um resumo:

1. Vou chamá-lo Jorge; tinha cerca de 55 anos de idade, um executivo aposentado, com dúvidas sobre se voltaria a viver com sua ex-mulher ou com uma nova namorada, e crises depressivas moderadas, relacionadas ao relacionamento que mantinha com ambas; vivia de sua aposentadoria e pequenos negócios que realizava. Durante três meses participou de experiência psicoterápica breve individual, nunca faltando e se mostrando interessado, embora não fosse nada fácil para ele mergulhar em questões subjetivas.

2. Evelyn, 30 anos de idade, comerciária, queixava-se de dificuldades em diversos relacionamentos, principalmente com sua chefe, que sempre fora atenciosa com ela, mas que, há algum tempo passou a exigir tarefas e mais tarefas, com prazos apertados e certa rigidez. Problemas também com o marido, que classificava como "certinho demais". Durante dois

meses participou de experiência psicoterápica breve individual assiduamente, em que se mostrou muito interessada, apreendendo facilmente temas mais subjetivos.

3. Alberto, 38 anos de idade, fisioterapeuta, fazia doutorado na área da saúde, casado pela segunda vez, encaminhado pelo psiquiatra que o medicava há anos, sempre recomendando psicoterapia, com diagnóstico de síndrome de pânico. Finalmente parecia com menor resistência à psicoterapia e interessado em grupo. Teve experiência de 30 a 60 dias, com entrevistas individuais comigo, em horários possíveis para ambos, a cada 8 a 10 dias.

Com os três elementos formamos o grupo, que por um mês parecia funcionar bem, considerando-se que era um grupo iniciante, isto é, as pessoas não faltavam, conversavam, se interessavam pelas questões dos companheiros, iam contando episódios de suas vidas etc.

Após esse período, começaram algumas faltas: Alberto por questões de trabalho ou do doutorado que estava fazendo, Jorge, por sair de férias, e Evelyn, por ficar presa no trabalho até mais tarde, esporadicamente. Passaram-se dois meses.

4. Enquanto isso, uma quarta candidata, Luiza, 43 anos, casada, que trabalhava com artesanato, veio para consulta, deprimida, tendo realizado tratamentos anteriores com antidepressivos e uma tentativa de psicoterapia, que não a ajudou, segundo ela, por “parecer uma conversa de comadres”, sem profundidade. Dispôs-se a nova experiência e conversamos pelo menos três vezes, confirmando seu interesse. Estava muito curiosa com relação ao grupo.

No dia em que Luiza deu sua entrada no grupo, já com quase três meses de duração, os dois homens, Jorge e Alberto, alegando estarem muito bem e já não precisarem do grupo, o abandonaram, não mostrando qualquer abertura para serem questionados. Evelyn ficou muito irritada, o que demonstrou claramente, chamando aquilo de traição e odiando que não quisessem conversar a respeito. Luiza ficou perplexa. Este terapeuta ficou entre irritado e perplexo, pois realmente não esperava tal desenlace. No desenvolvimento, por mais um mês, vieram as duas, conversavam muito, e o tema freqüentemente voltava para a péssima experiência daquela saída sem aviso. No final do 4º mês de grupo, Evelyn saiu de férias com o marido, e na volta, telefonou, informando que não queria mais participar. Não atendeu à solicitação de vir conversar, dividir o que estava acontecendo conosco, dar uma satisfação ou repensar sua decisão. Atendi melancolicamente Luiza, colocando a possibilidade de interrompermos a experiência ou de continuarmos até que se formasse novo grupo. Preferiu esta segunda opção, e, por mais um mês, veio sozinha, comigo, conversando muito sobre si, sua família, questões candentes de sua vida e sobre exemplos do grupo que se extinguiu. No final do semestre saí por 15 dias de férias, e na volta, também por telefone, Luiza informa que não virá mais – sem discussão!

Trouxe este exemplo, como poderia ter trazido outros. Tive sucessos e fracassos nestes 35 anos de trabalho com grupos. Considero que o relato que fiz foi de um dos fracassos mais recentes: seria erro na seleção? Erro na hora de agrupá-los? Trabalhei mal, não percebendo o que se passava? Não sei; talvez um pouco de tudo isso, e mais alguma coisa. O

principal que gostaria de dizer é que vou selecionando como posso, trabalhando do meu jeito, acertando aqui e ali..., e errando até hoje.

Há critérios e mais critérios de seleção. O meu tem sido: durante cerca de três entrevistas, às vezes mais, faço uma síntese do caso de cada um, para mim mesmo, avaliando condições caracterológicas, possibilidades de vinculação e comunicação, e, acima de tudo, minha contratransferência. Por vezes dá certo, outras vezes não.

Heládio Francisco Capisano propunha o que chamava de “seleção natural”: se a pessoa aceitava entrar num grupo seu, ele a colocava experimentalmente. Se o grupo o assimilasse e ele se integrasse, permanecia; do contrário, acabava saindo.

Seria mais fácil e agradável contar sobre os sucessos, clientes que ficaram por anos em determinado grupo e que saíram felizes, após enorme progresso, mas creio que também é útil se falar dos fracassos, seja na formação dos grupos, seja em seu desenvolvimento.

Na verdade, não temos a fórmula que dá garantias, o que nos deixa impotentes. Essa é a questão!

GRUPO, VÍNCULO E INTERVENÇÕES: COMO TRABALHO COM GRUPOS

Reafirmo que para mim o foco do trabalho grupal está centrado no vínculo, que concebo como uma estrutura relacional ao mesmo tempo interna e externa ao indivíduo, estando implicada a experiência emocional entre as duas partes, de si, com o outro e com o mundo, o que, em outras palavras já declarei anteriormente (FERNANDES; SVARTMAN; FERNANDES, 2003, p. 44).

Considero o grupo nosso instrumento básico de ação: agente e paciente. É no grupo, com o grupo, e através dele que o processo psicanalítico vincular se realiza.

O conhecimento psicanalítico tradicional valoriza as palavras, sem dúvida, e ainda são valorizadas, porém, juntamente com a metacomunicação. O tom de voz em que as palavras foram proferidas, o olhar, os gestos e demais aspectos da comunicação não verbal conferem um toque afetivo à comunicação, dando à experiência emocional do falar, o sentido mais verdadeiro de como o indivíduo se vincula com seus grupos internos, com o mundo exterior, e, principalmente, com aquele determinado interlocutor, naquele momento.

Em um grupo com 6 integrantes, após comunicação verbal de Olga sobre um diretor autoritário, na empresa em que trabalha, Ilze fez comentário inaudível, seguido de uma fala sobre “tais coisas acontecerem assim mesmo”. Fiz uma intervenção, perguntando se percebia que a voz estava “sumindo”. Disse que “às vezes acontece”, pigarreou, tentou falar mais forte, mas só quando, com muita raiva, contou sobre seu chefe na universidade, que exigia determinada catalogação no processo de arquivar um documento, é que a voz saiu clara e audível. Em sua opinião, aquela forma de catalogar o documento estava errada. Após longa discussão no grupo, ficou evidente que o problema era a dificuldade de se interpretar de

maneiras diversas as orientações daquele chefe e na vida em geral. O fato é que ninguém estava perseguindo aquelas pessoas, no grupo ou fora dele; apenas aconteciam coisas inesperadas, fora do programado. Isso tudo saiu do próprio grupo, a partir da percepção e apontamento sobre a voz inaudível, e seus desdobramentos.

Meu papel no grupo, em psicanálise vincular, tem sido: estar presente, interpretar pouco e estar atento às possibilidades comunicativas do grupo. Com isso em mente, falar pouco é o mais difícil, mas essencial, e por mais que se conheça, seria melhor não fazer da divulgação dessa sabedoria, o foco principal de nossas intervenções.

Tenho afirmado que o grupo é o local de se trabalhar as diferenças. Na verdade, a expressão mais correta seria diversidade. A diversidade remete ao múltiplo, à variedade que não se deixa englobar em um padrão. A diversidade é mais flexível, e abriga as diferenças, sem excluí-las como contrárias a nós.

A evolução humana e a aprendizagem estão diretamente relacionadas à capacidade de lidar com o novo, com o diverso. Entretanto, o novo incomoda, assusta, agride. Assim, quando as expectativas não se mostram de acordo com nossos desejos, freqüentemente temos a sensação de sofrer uma adversidade.

Isso é muito comum nas instituições e nos casais, quando ocorrem desavenças. Em vez de cada envolvido pensar o quanto tem de responsável quando ocorre um mal-entendido – pois temos a tendência de valorizar negativamente a resposta, quando diversa da esperada – passa ao caminho mais fácil, acusar o outro, mesmo que isso só alimente um processo violento de acusações e conseqüente desgaste no relacionamento. O mesmo ocorre nas famílias e nos grupos em geral, sendo comum seu aparecimento do grupo psicoterápico, como exemplificado no caso do Ilse.

Penso, entretanto, ser esta a sina humana, entender o mundo segundo sua versão particular e ter uma vivência preconceituosa do diverso, como algo que parece adverso. Em alguns casos, em que há certo exagero na qualidade e quantidade de transformações e mal-entendidos, se configura verdadeira reversão da perspectiva, termo utilizado por Bion em 1963. (FERNANDES, 2005, p. 12).

Na comunicação grupal, tanto quanto no dia-a-dia, é muito comum se ouvir algo diverso do que se espera, com a imediata reação de má-vontade em reconhecer a possível qualidade do outro e de sua comunicação. Nesse caso, a desqualificação é freqüente, havendo um mal-entendido que poderia ser explicado assim: se diverge de minha expectativa, então está contra mim, como fica fácil de compreender dentro da teoria kleiniana da posição esquizoparanóide (KLEIN, 1946, p. 20).

Se conseguir suportar a dor mental e aceitar a existência da idéia nova o indivíduo pode ir encontrando seu caminho, percorrendo o diverso e o adverso, o conhecimento de si

mesmo e de seus preconceitos, sendo que tal percurso pode ser facilitado com a participação em um dispositivo vincular psicanalítico.

Entretanto, tal processo não é tão simples e envolvem frustrações, inerentes ao crescimento. O que se observa, nesse percurso, é que podem ocorrer certa confusão e forte sensação de se estar perdido, desorientado, o que me reporta ao uso do giroscópio.

O PSICANALISTA VINCULAR, A INCERTEZA E O GIROSCÓPIO: REFLEXÕES

Esta figura é um giroscópio, e foi utilizada no I Congresso Brasileiro de Psicoterapia. Duas massas de latão que giram sobre um centro comum podem se comportar como um pêndulo inerte. Têm uma tendência a conservar o movimento inicial e também sua direção, mas haverão de compartilhar com a outra esfera, sujeita a forças e inércias distintas. A junta cardan sobre a qual estão montadas as esferas lhes permite girar ao redor de um eixo que pode apontar para qualquer ponto do espaço.



Inventado em 1850 por Jean Bernard Léon Foucault é um dispositivo usado para orientação de navios, aviões e espaçonaves, e seu funcionamento baseia-se no princípio da inércia.

Nesse aparelho, todo ele é um acúmulo de forças e inércias, mescla de metais e de funcionamento imprevisível, até que indique a direção correta.

Como diz o colega Osvaldo Filidoro (2005), não tão imprevisível assim, “só um pouco de caos, sob controle, durante 10 segundos”.

Faço então uma analogia com o trabalho vincular, pois no processo grupal há momentos de caos e momentos de se encontrar o caminho.

O psicoterapeuta de um grupo psicanalítico vai armazenando informações e introjetando a experiência emocional vincular. Eventualmente, a qualidade e quantidade de informações e de energia já podem seguir um destino adequado dentro do profissional, proporcionando a transformação em pensamento e em palavras que possam ser comunicadas, mas isso não é nada fácil; há sofrimento e dor, incerteza e confusão.

No momento certo, pode ocorrer que uma palavra, uma imagem, algo assim, dê sentido ao que antes estava disperso. Será possível então sair do caos, tomando um rumo que possa ajudar aquele grupo e aquelas pessoas a encontrarem seu caminho.

Para Bion, no processo do pensar há uma oscilação constante entre as duas posições kleinianas, que variam da desintegração à integração, da desordem à ordem, dinâmica que pode ser simbolizada assim:

Posição Esquizoparanóide ← → Posição Depressiva

Tal relação simboliza também a descoberta do fato selecionado, um importante conceito, inspirado no matemático Poincaré, sobre a relação entre fatos.

Poincaré mostrou que o fato selecionado pode ser uma idéia ou emoção que coloca ordem na desordem e dá coerência ao que está disperso. É um sentimento de descobrimento.

Para ter valor cumpre ao novo resultado unir elementos há muito conhecidos, embora dispersos até então e, na aparência estranhos uns aos outros, quando subitamente introduzem ordem, onde tudo era desordem. De relance nos é dado ver cada elemento no lugar que ocupa no todo. Não só por si é de valor o fato novo, mas sozinho confere-o aos anteriores que vincula. (POINCARÉ, Science and Method)

O fato selecionado foi considerado por Bion (1970) uma importante conquista do psicanalista em seu trabalho, isto é, conseguir chegar a um fato que possa integrar o que está disperso, dando coerência ao material, até então caótico.

O fato selecionado possibilita o pensamento verbal do analista, seguindo-se daí, a transformação em interpretação, processo que Bion denominou evolução, isto é, há uma mudança na mente do analista de um estado de paciência, correspondente à posição esquizoparanóide, para um estado de segurança, que corresponde à posição depressiva (FERNANDES; SVARTMAN; FERNANDES, 2003, p. 134).

O nome paciência implica tolerância às frustrações. No grupo psicanalítico mais ainda, pois devido à complexidade das comunicações multipessoais, é necessário se aguardar por algum acontecimento, palavra, ato falho etc., que nos ajude a perceber o vínculo entre as diversas comunicações, aquilo que irá dar nexos ao que estava caótico.

Cada participante do grupo, quando se depara com experiências emocionais ou sensoriais tem certo impacto, vê-se perturbado e na ausência de satisfação de desejo passa por momentos de confusão, de caos, de frustração. Tais momentos, se não tolerados poderão se transformar em sintoma ou *acting out*, mas, se forem tolerados, darão origem a pensamentos e ao pensar, já com algum rumo que promova crescimento, o que pode ser

facilitado no processo grupal, com ajuda do grupo e do grupanalista. Em todas essas situações o caos está por perto...

Tanto o analista como os pacientes temem a mudança e o crescimento, porque a ameaça do desconhecido é acompanhada de uma dolorosa angústia catastrófica.

Sendo assim, concluo que no trabalho grupanalítico se estuda principalmente o diverso e o incerto, que costumam estimular o surgimento de suscetibilidades narcísicas referentes a pequenas diferenças, dificuldade de escutar ao outro e, freqüentemente, um mergulho no adverso mundo dos mal-entendidos.

Estes têm a ver, em nossa opinião, com a crença de que só existe uma única verdade, a nossa, quando, o que a vida nos revela, é que, tanto o crescimento pessoal como a comunicação verdadeira, passa pela tolerância à diversidade e às incertezas, assim como pela aceitação da impotência inerente ao abismo do mistério humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BION, W. R. (1970). **Atenção e interpretação**. Rio de Janeiro: Imago, 1973. 143p.

FERNANDES, W. J. **Preconceito e grupanálise**: o verso, o diverso e o adverso nos grupos. Apresentado no VIII Encontro Luso-Brasileiro de Grupanálise e Psicoterapia Analítica de Grupo – Lisboa, 2005. Publicado em <http://pwp.netcabo.pt/0150419901/revis/miolo3.pdf> p.8-13, 2005.

FERNANDES, W. J.; SVARTMAN, B.; FERNANDES, W. J. (Orgs.). **Grupos e configurações vinculares**. Porto Alegre: Artmed, 2003. 303p.

FILIDORO, O. **Convergências y divergências en psicoterapia**. Trabalho apresentado no I Congresso Brasileiro de Psicoterapia. Belo Horizonte, 10 e 11 de outubro de 2005. (Trabalho não publicado)

KLEIN, M. (1946). **Melanie Klein**: inveja e gratidão e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1991. 398p.

Endereço para correspondência
Waldemar José Fernandes
E-mail: wbfernandes@terra.com.br

Recebido em 15/02/05.
1ª Revisão em 17/04/05.
Aceite final em 19/05/05.

¹ Psiquiatra clínico e psicoterapeuta. Membro do NESME – Núcleo de Estudos em Saúde Mental e Psicanálise das Configurações Vinculares, SPAGESP – Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo e ABRAP – Associação Brasileira de Psicoterapia.